Violencia contra a Mulher
AJ 21537_1

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Maridos batem menos por medo

A aplicação de medidas protetivas de urgência a favor das vítimas de ameaças e agressões está inibindo a ação de homens violentos

Fernanda Coutinho

Uma servidora pública, moradora de Vitória, foi ameaçada em mais de 50 mensagens de celular em uma mesma noite. Nas mensagens, enviadas pelo ex-marido, ele também dizia que ela estava com outro homem e a xingava insistentemente.

Somente depois que a Justiça concedeu uma medida protetiva de urgência, com base na Lei Maria da Penha, é que o ex-marido parou de incomodar a servidora pública, no final do ano passado.

Casos como este são cada vez mais comuns. Nos três primeiros meses deste ano, as agressões físicas contra mulheres diminuíram em relação ao mesmo período do ano passado, em Vitória. Foram 87 casos em 2012, contra 155 no início de 2011. Os dados são da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vitória.

Segundo a delegada Arminda Rodrigues, titular da Deam de Vitória, as medidas protetivas de urgência solicitadas à Justiça, com base na Lei Maria da Penha, têm contribuído para esse resultado.

A delegada explicou que as mulheres passaram a denunciar mais. Mas os casos em que as vítimas voltam à delegacia, mais de uma vez, relatando agressões ou ameaças praticadas pelo mesmo agressor, têm diminuído.

"Na maioria dos casos, um policial civil vai ao local da ocorrência, em busca do agressor, e já fazemos o flagrante. Isso tem contribuído para que a violência não se repita contra aquela mulher", disse.

As medidas protetivas são solicitadas por um delegado a um juiz, que analisa o caso e pode determinar, por exemplo, que o agressor se afaste do convívio com a vítima.

"A maioria dos pedidos é devido a ameaças de morte e violência física ou ainda para que o agressor pare de ligar para a vítima".

A delegada destacou que com a chegada de novos policiais e radiopatrulhas foi criada uma escala de trabalho para formar uma equipe de busca aos agressores.

> "A maioria dos pedidos (de medida protetiva) é devido a ameaças de morte e violência física"
>
> **Arminda Rodrigues, delegada**

FABIO NUNES - 11/07/2011

ARMINDA RODRIGUES: equipe especializada em buscas de agressores

AMEAÇAS ATÉ NO LOCAL DE TRABALHO

RODRIGO GAVINI/AT

Preso por descumprir medida protetiva

Uma empresária de 34 anos, moradora de Vitória, viveu seis anos com o ex-marido, um promotor de eventos de 40 anos.

Ela solicitou uma medida protetiva de urgência contra o ex após levar tapas na cara, ser empurrada e ameaçada por ele.

O ex-marido foi preso no final do ano passado porque desrespeitou a medida e apareceu no local de trabalho da empresária. Mas foi solto após pagar fiança.

"Ele apareceu na loja como se nada tivesse acontecido e não deixava de me ligar. Liguei para a polícia e ele foi preso. Ele telefona para meus parentes e tenta me desqualificar com funcionários e fornecedores. Não tem sido fácil. Mas depois da prisão, nunca mais se aproximou de mim".

Perseguida no trabalho pelo ex

Uma funcionária de 40 anos, que trabalha em uma livraria de Vitória foi perseguida pelo ex-marido, após pedir a separação. Durante o casamento, ela apanhou e teve até a mãe agredida, no meio de uma briga.

O acusado ia até o local de trabalho da vítima e observava a rotina dela, todos os dias. A perseguição só parou quando uma medida protetiva foi solicitada e o ex foi proibido de se aproximar da mulher. O caso foi registrado na Defensoria Pública Estadual.

Filho destrói casa da mãe

Uma diarista de 55 anos, moradora de Vitória, já teve a casa destruída por três vezes pelo filho, que tem 25 anos. O rapaz chegou a quebrar tudo o que havia na residência com um machado.

O jovem, que é usuário de drogas desde os 13 anos, não aceita o fato de não conhecer o pai biológico e culpa a mãe pela ausência do pai. Uma medida protetiva foi solicitada e o caso está registrado na Defensoria Pública Estadual.

Vila Velha lidera em casos

O município de Vila Velha lidera o ranking de violência contra a mulher na Grande Vitória. Foram registrados 778 boletins de ocorrência na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) de Vila Velha, de janeiro a março deste ano.

Na Serra, foram 513 registros e Cariacica e Viana contabilizam, juntos, 447 boletins no mesmo período. Já Vitória registrou 314 ocorrências.

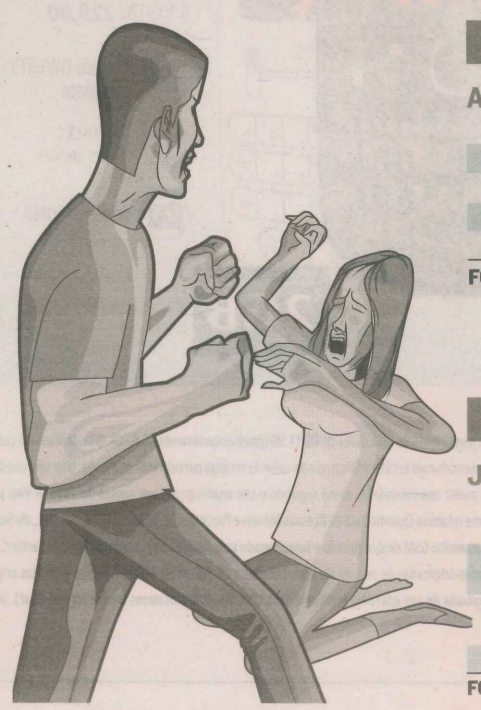
A promotora de Justiça da Mulher de Vitória, Suely Lima e Silva, afirma que quando uma mulher procura a delegacia, geralmente, já foi agredida mais de uma vez.

"Normalmente, ela não vai em razão da primeira violência. Percebemos que as mulheres dizem que o processo contra os companheiros têm sido uma forma de evitar a reincidência da agressão".

O defensor público estadual Carlos Eduardo Rios do Amaral destacou que os pedidos de medida protetiva não são feitos apenas por mulheres em relação aos maridos. "São mães que pedem por causa dos filhos e, também, mulheres para se proteger da agressão de irmãos", contou.

A promotora Suely Lima e Silva destacou que o álcool e as drogas causam a maioria dos conflitos.

Números da violência Os casos de agressões caíram em 2012



OCORRÊNCIAS EM VITÓRIA

AGRESSÃO FÍSICA

	2011	2012
Janeiro	62	29
Fevereiro	47	24
Março	46	34
Total (trimestre)	155	87

BOLETINS DE OCORRÊNCIA

	2011	2012
Janeiro	164	121
Fevereiro	138	94
Março	128	99
Total (Trimestre)	430	314

FONTE: DELEGACIA DA MULHER DE VITÓRIA

SERRA, VILA VELHA, CARIACICA/VIANA E VITÓRIA 2012

JANEIRO A MARÇO

	VILA VELHA	SERRA	CARIACICA /VIANA	VITÓRIA
Boletim de ocorrência	778	513	447	314
Medida protetiva de urgência	356	295	67	201
Prisão em flagrante	76	74	70	60

FONTE: ASSESSORIA DE IMPRENSA DA POLÍCIA CIVIL

AJ21537-2

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

"Apanhei até com taco de beisebol"

Se por um lado as agressões físicas praticadas contra as mulheres têm diminuído em Vitória, a violência doméstica ainda faz muitas vítimas.

Ameaçada pelo ex-marido, uma promotora de vendas de 22 anos, moradora de Vitória, vive com medo. Segundo a vítima, o acusado já foi preso porque ela solicitou uma medida protetiva de urgência, com base na Lei Maria da Penha. Mas o ex-marido conseguiu a liberdade.

"Não sei mais o que fazer. Eu busquei a lei mas, para mim, não adiantou", afirmou.

A vítima mora no mesmo bairro que o acusado e tem uma filha de 4 anos com ele. A jovem afirma que já apanhou na frente da menina. "Me deu uma cotovelada na boca e eu levei nove pontos".

> "Uma hora eu acredito que ele (ex-marido) vai acabar cumprindo as ameaças que faz"
>
> **Promotora de vendas, 22 anos**

A TRIBUNA – Por que você se separou de seu ex-marido?

VÍTIMA – Foi quando ele entrou nas drogas. Tivemos que vender uma casa e levantar R$ 8 mil para pagar dívidas de drogas. Depois disso, me separei e ele não aceita. Nos conhecemos há cerca de seis anos e ficamos juntos até o início de 2010.

> Ele batia em você quando estavam juntos?

Sim. Uma vez estava conversando com umas amigas e cheguei em casa às 23 horas. Nós discutimos e ele me levou para o quarto.

Levei chutes, pontapés, socos e apanhei até com taco de beisebol. Só de manhã, quando ele saiu para o serviço, consegui ligar para minha mãe e pedir ajuda.

> Sua filha presenciou alguma dessas agressões?

Já. Uma vez eu pedi a ele dinheiro para pagar a passagem para buscar a menina na creche. Ele disse que não iria me dar e eu pedi para a minha mãe.

Quando cheguei em casa, nós discutimos por isso. Ele me deu uma cabeçada e desmaiei na frente da menina. Foi um sobrinho dele que me socorreu.

> Quando você conseguiu a medida protetiva da Justiça?

Foi em 2010, quando ele quebrou a porta da minha casa. Eu estava com a minha filha no colo e ele queria que eu soltasse a menina. Me deu uma cotovelada na boca e eu levei nove pontos.

> E ele foi punido de alguma forma?

Existem dois pedidos de prisão contra ele, do final do ano passado. Ele foi preso no Natal e ficou só dois dias, porque pagou fiança.

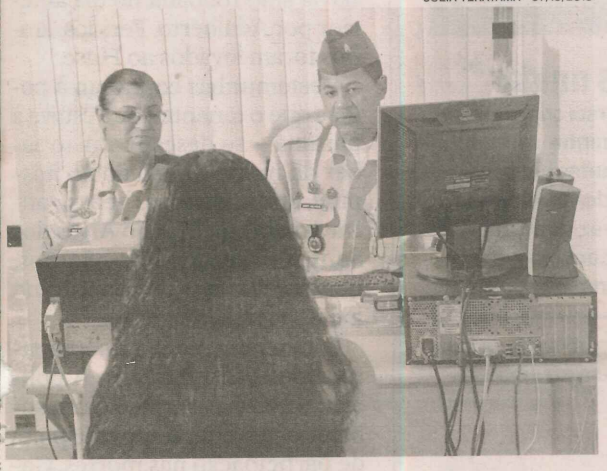
> O que você acredita que vai acontecer com você diante dessa situação?

Não sei mais o que fazer. Eu busquei a lei mas, para mim, não adiantou. Uma hora acredito que ele vai acabar cumprindo as ameaças que faz. Eu não vivo. Só tenho 22 anos.

FÁBIO NUNES/AT

PROMOTORA DE EVENTOS teme que o ex-marido, que está solto, volte a agredi-la: "Eu não vivo. Só tenho 22 anos"

JULIA TERAYAMA - 07/10/2010



SARGENTO ALVES (D), coordenador da Central de Ocorrências da Serra, realiza atendimento no Fórum João Manoel de Carvalho, em Serra-Sede

PM oferece ajuda na Serra

O município da Serra possui uma Central de Ocorrências que foi inaugurada no final de março. Na Central, que fica em frente à prefeitura do município, em Serra-Sede, três policiais militares registram ocorrências de mulheres agredidas e as encaminham direto ao juiz ou à delegacia.

De acordo com o sargento da Polícia Militar Valdecir Alves Pinto, o objetivo é promover ações preventivas.

"Quando a mulher procura a central por causa de uma ameaça, a ação preventiva, a partir de uma denúncia, evita casos mais graves. Evita, por exemplo, que uma ameaça se transforme em agressão física ou até em um homicídio", destacou.

De acordo com o sargento, a central, que já funcionava no fórum do município, atendia a diversos casos como invasões de domicílio, ameaças e danos materiais.

Com a criação da Coordenadoria Estadual de Violência Doméstica, a central ganhou um espaço próprio e passou a funcionar mais direcionada para a violência doméstica.

"Temos uma policial feminina atuando e percebemos que a mulher se sente mais encorajada a denunciar. São atendidos os casos que envolvem ameaças e agressões verbais. Não são feitos flagrantes, são as vítimas que procuram a central para registrar as ocorrências".

Segundo o sargento Valdecir, somente os casos de maior gravidade, como lesão corporal, são encaminhados para a Delegacia da Mulher, em Laranjeiras.

"Com a central, as mulheres de Serra-Sede e bairros vizinhos não precisam se deslocar para Laranjeiras, se é um conflito que pode ser resolvido no local, mais próximo da casa delas", disse.

> "A ação preventiva, a partir de uma denúncia, evita que ocorram casos mais graves"
>
> **Valdecir Alves Pinto, sargento da PM**

Centros para combater a violência

No próxima sexta-feira, o Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJ-ES) lança o programa "JusMulher Capixaba" e cria os Centros Integrados da Mulher (CIM) para concentrar as ações de proteção às mulheres, vítimas de violência.

O programa tem como principal objetivo prevenir a violência contra a mulher e também garantir assistência às vítimas de agressões, de acordo com a Política Nacional de Enfrentamento à Violência.

"O 'Jusmulher' amplia a consciência da mulher para buscar os seus direitos", avalia a juíza responsável pela Coordenadoria da Mulher Vítima de Violência Doméstica e Familiar, Hermínia Maria Azoury.

Nos centros, as mulheres vítimas de violência contarão com policiais, médicos-legistas, defensores públicos, promotores e juízes, além de equipes multidisciplinares, com psicólogos e assistentes sociais.

O primeiro CIM será implantado em Laranjeiras, na Serra.

RODRIGO GAVINI/AT

HERMÍNIA Azoury lança programa

De acordo com a juíza, com a integração dos serviços, as mulheres terão assistência mais rápida.

"Haverá a economia de tempo, pois a mulher terá acesso a todos os serviços em um mesmo lugar. Além disso, há o fator social e da autoestima dessa mulher que percebe que está sendo assistida", destacou a juiza.

O objetivo, segundo Hermínia Maria, é implantar um centro em cada comarca da Grande Vitória, até 2013. O município de Vila Velha será o próximo a receber um CIM, que ficará localizado no centro da cidade.

> "Haverá economia de tempo, pois a mulher terá acesso a todos os serviços em um mesmo lugar"
>
> **Hermínia Azoury, juíza**

ANÁLISE

"É um processo de modificação social. É preciso denunciar"

Adriano Pereira Jardim
Doutor em Psicologia e Desenvolvimento da Personalidade

"Ter uma relação com desafios e até desentendimentos pode estar dentro do contexto de um relacionamento saudável. Dizer: 'você age assim e eu não gosto' é uma coisa. Agora dizer à pessoa: 'você não sabe fazer nada, é incapaz de fazer algo certo' leva a relação ao nível da ofensa, desqualifica o parceiro.

Quando passa para a agressão física e psicológica, na primeira manifestação de agressividade a mulher tem que denunciar. O agressor entende que ele tem que ter o domínio e sempre controlar a situação.

Ele quer exercer o poder sobre a vítima e quando se sente contestado, parte para a agressão física.

Apesar das modificações que nossa sociedade vem passando, o que existe, muitas vezes, em nossa cultura, que é machista, é um papel de dependência emocional designado às mulheres.

À medida que elas percebem que podem viver bem, longe do agressor, e até mesmo sozinhas, têm a coragem de denunciar. E esse é um processo de modificação social. É preciso denunciar".